

## 5. O contexto estratigráfico da *terra sigillata* da Alcáçova de Santarém

Depois da análise da estratigrafia, importa destacar alguns dos contextos e sequências estratigráficas em que se recolheu *sigillata*. Mesmo sabendo que uma percentagem significativa da *terra sigillata* que aqui se apresenta provém de contextos arqueológicos totalmente estranhos à ocupação romana, sendo resultantes de níveis de superfície ou de entulhamentos medievais, modernos ou contemporâneos, ou mesmo do interior de fossas ou silos islâmicos, existem determinadas situações, em que esta cerâmica surge, que devem ser objecto de uma análise mais cuidada. O conhecimento que existe, hoje, deste tipo cerâmico, torna-o fundamental para a proposta e estabelecimento de cronologias para inúmeros níveis arqueológicos.

Os dados relativos à estratigrafia da Alcáçova de Santarém não permitem propor-se novos parâmetros cronológicos para as diferentes formas e fabricos que aqui se identificaram. As cronologias adoptadas, como já se referiu anteriormente, dizem respeito às apresentadas na bibliografia de referência para cada fabrico e correspondem, normalmente, ao período de produção desses materiais. Deste modo, verifica-se a necessidade de balizar alguns dos limites cronológicos propostos, pois o presente estudo permitiu conhecer, com algum detalhe, o ritmo das importações de *sigillata* para a cidade de *Scallabis*.

Na análise dos principais contextos estratigráficos em que surge *sigillata*, teve-se em consideração não só os fragmentos com forma, sendo igualmente valorizada a presença de fragmentos que não permitem identificação formal, mas que se classificaram segundo o seu fabrico. A leitura dos dados cronológicos retirados da *sigillata*, no interior das Unidades Estratigráficas, fez-se pela proporção de cada fabrico no seio de um dado estrato arqueológico, e não tanto através dos dados brutos. Esta foi a metodologia seguida para a leitura dos dados relativos à *terra sigillata* proveniente da campanha de 1999. Não foi possível para esse ano, e ao contrário do que sucedeu com as campanhas anteriores, complementar os dados da *terra sigillata* com os dos restantes materiais que constam do inventário geral da Alcáçova.

Se inicialmente julguei que podia vir a encontrar, em determinados níveis, apenas um fabrico de *sigillata*, e que a cronologia aí, seria analisada tendo em conta as diferentes formas presentes, rapidamente constatei que tal facto constituía pura ilusão, pelo menos para a esmagadora maioria das situações. Parti então da observação dos dados sobre determinados contextos, tendo sempre como base de trabalho a análise das percentagens dos diferentes fabricos, tendo em conta materiais ditos residuais, em cada UE.

Considerando a totalidade dos fragmentos que constituem a amostra, a *terra sigillata* exumada nas campanhas de 1983 a 1997 corresponde a 37,8% do total da *sigillata* que aqui se estuda, sendo os restantes 62,2% provenientes da campanha de 1999. Já se observou, aquando da interpretação sobre a estratigrafia da Alcáçova, o contexto estratigráfico em que a *sigillata* surge. Nas áreas escavadas no Jardim das Portas do Sol e na área do Horto, nas campanhas de 1983 a 1997 a *terra sigillata* funciona, conjugada com as restantes cerâmicas, como elemento datante de um conjunto de níveis de deposição que se detectaram em diferentes áreas, associados ou não a estruturas.

Mais interessantes são os dados que se podem extrair de um conjunto de níveis arqueológicos detectados no quadrado Q3 em 1997, que correspondem ao derrube de estruturas

romanas adjacentes. Efectivamente encontrou-se, num estrato correspondente aos níveis 1, 3 e 4, um conjunto de *terra sigillata* bastante vasto, de onde sobressai uma série de fragmentos de grandes dimensões, que correspondem a peças decoradas de *sigillata* hispânica, da formas Drag. 37 a e b. Estas peças possibilitam a atribuição cronológica a este nível e constituem um grupo bastante homogéneo que surge entre inúmeros fragmentos de *terra sigillata* de outras proveniências. A distribuição da *sigillata* nos níveis 1, 3 e 4 do Q 3 (1997), em n.º de fragmentos, é a seguinte:

UE	TSI	TSS	TSH	Total
[1], [3] e [4]	40	12	13	65

Toda a *terra sigillata* hispânica deste contexto teve a sua origem nas oficinas de Andújar e quanto ao tipo de decoração que apresenta, nota-se um claro domínio dos motivos circulares, normalmente datados do século II. Também me parece digno de menção o facto de estarmos perante fragmentos de grandes dimensões, o que é extremamente raro na Alcáçova, desde logo por se tratar de um povoado, mas também devido às inúmeras movimentações de terras que se registaram até à actualidade.

A elevada proporção de *sigillata* decorada em relação às produções lisas, que constitui uma das características das produções hispânicas quando comparadas com a *sigillata* itálica ou sudgálica, encontra-se também patente neste contexto, embora surja aqui, com valores mais elevados do que os habituais.

A escavação em área levada a cabo em 1999, permite, neste campo, dados mais esclarecedores. Não só porque se escavaram sequências completas de níveis desde o período romano republicano à antiguidade tardia, mas também porque existe um conjunto de estruturas sucessivamente remodeladas.

No que diz respeito às peças com forma identificável, a *terra sigillata* de 1999 constitui metade da amostra que aqui se estuda. Cerca de 35,5% deste material está descontextualizado pois tinha origem em estratos que correspondem ao enchimento de fossas medievais, em níveis de entulhamento modernos ou contemporâneos, ou ainda nas camadas superficiais. Esta percentagem reduz-se para 22,7%, se tivermos em conta a totalidade dos fragmentos do inventário incluindo os que não permitem identificação formal. É importante referir ainda que fazem parte do inventário da *terra sigillata* de 1999 fragmentos de dimensão mínima, por vezes mesmo lascas, que foram considerados indeterminados pois a sua dimensão não permite a distinção do fabrico. A sua presença é significativa em determinados contextos, como se verá, daí a opção pela sua inclusão e contabilização como fragmento.

Não são mencionadas as UEs que não contenham *terra sigillata*, devendo chamar-se a atenção, igualmente, para o facto de toda a área escavada, ter sido muito afectada pela abertura, em época medieval de silos ou fossas. Assim, as UEs correspondem às áreas poupadas a estas destruições, sendo por isso muito desiguais, não só na sua espessura, mas, naturalmente, também na sua extensão. Apesar disso, existem algumas sequências de estratos em várias áreas dos sectores 1 B e 1 C, que se relatam em detalhe, sempre das mais antigas para as mais recentes. Não havendo dúvidas que estas UEs pertencem ao período romano, as cronologias apontadas são estabelecidas, exclusivamente, com base na *terra sigillata*, podendo ser ainda ligeiramente afinadas com outros materiais, que ainda não estão classificados na sua totalidade.

A fase 1, caracteriza-se exactamente pela ausência de *sigillata*, pelo que se pode datar de um período anterior a 30 a.C. Esta data é normalmente indicadora do início das impor-

tações de *sigillata* para o território nacional, e pode ser precisada pelo conjunto de cerâmica, nomeadamente campaniense e paredes finas, exumada.

A fase 2 está documentada por vários estratos arqueológicos correspondentes a diversos momentos relativamente curtos de ocupação/remodelação de determinados compartimentos, assim como os respectivos pisos. Registam-se igualmente, nesta fase, outros níveis de deposição de sedimentos/aterros, cuja superfície foi utilizada, em dado momento, também como solo de *habitat*.

A fase 2, cuja cronologia parece apontar para um período compreendido entre o último quartel do século I a.C. e meados da centúria seguinte, ou ligeiramente posterior, está documentada por inúmeros níveis de utilização e de destruição/remodelação de todos os compartimentos.

No compartimento 2, tendo como exemplo a UE [131], encontraram-se oito fragmentos de *terra sigillata*, registando-se entre a *sigillata* itálica uma marca de ANTHVS C.MEMMI e uma forma que não foi possível integrar nas tipologias de referência (23345). Na ausência de formas que possam elucidar sobre a cronologia, os dados gerais sobre as importações de *sigillata* itálica para Santarém apontam para uma datação centrada no período desde meados do reinado de Augusto e do reinado de Tibério.

Também da fase 2, pode observar-se uma sequência que corresponde à ocupação do compartimento 1. Detectaram-se duas fossas [134] e [204], preenchidas com material romano imperial onde se registou também *terra sigillata*. Assim, a UE [134] detinha apenas cinco fragmentos de *sigillata*, e a fossa cujo preenchimento corresponde à UE [204] ofereceu uma das únicas peças completas e praticamente intactas do conjunto de materiais da Alcáçova. Trata-se da forma itálica Consp. 22.1.2, datada de 10 a.C. a 10 d.C.

Sobre estas realidades, o UE [135] incorpora uma das formas mais antigas de *terra sigillata* itálica, a Consp. 1, normalmente datada de 40-15 a.C. A sua presença neste contexto não surpreende, uma vez que está incluída num estrato de aterro/nivelamento.

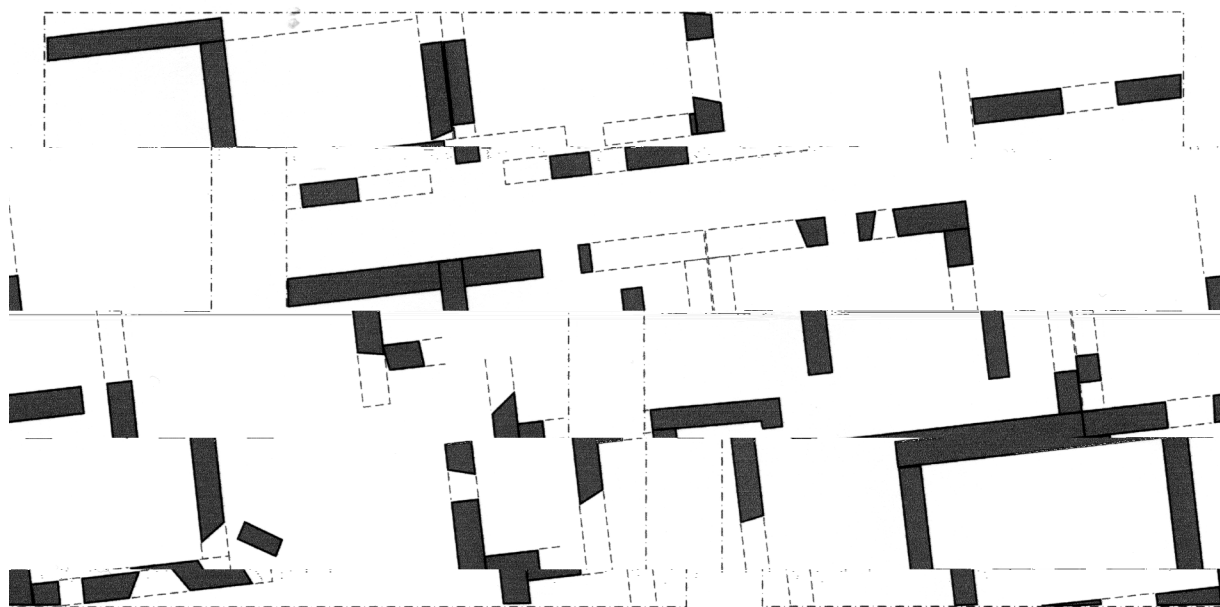


FIG. 37 – Planta preliminar da Fase I. Síntese das estruturas após a conclusão dos trabalhos de 2000.

Da mesma fase, embora correspondendo à utilização do compartimento 3 encontra-se a UE [202] de onde provêm dois fragmentos de *sigillata* itálica, um deles da forma Consp. 27 com cronologia dos reinados de Tibério/Nero. De um momento relativamente posterior, e do compartimento 4, a UE [263] parece corresponder já ao final da ocupação dos edifícios, nesta fase 2. Apresenta 23 fragmentos de *sigillata*, sendo neste contexto que surgem, juntamente com as formas Consp. 22, também outras formas itálicas mais tardias como a Consp. 23 e mesmo uma *sigillata* tardo-itálica - a Consp. 39 já de cronologia flaviana. Entre a *sigillata* sudgálica regista-se uma forma antiga desta produção, a Drag. 2/21, normalmente datada de 20-40 d.C. Quanto ao final da ocupação desta fase, testemunhado pela UE [238] é marcada pelo mesmo tipo de materiais que anteriormente e por uma grande quantidade de terra *sigillata* de tipo itálico, 93 fragmentos. A *terra sigillata* itálica deste contexto distribui-se pelas seguintes formas: os tipos Consp. 14, 21, 23 e 32 registam apenas um exemplar, as formas Consp. 4, 12, 18, 34 e 36 registam dois exemplares, a taça Consp. 31 está representada por 3 exemplares e a Consp. 22 por cinco. Ora tal distribuição fornece-nos uma cronologia de finais do reinado de Augusto e inícios de Tibério, ou ligeiramente posterior, dada a presença de *terra sigillata* sudgálica. Consideram-se os dois fragmentos de *sigillata* clara D, como intrusões das inúmeras fossas que cortavam este estrato.

Ainda nos compartimentos 3 e 4 os últimos níveis da fase 2 correspondem, respectivamente, à UE [200] e [201] que apresentam novamente proporções significativas de *terra sigillata* itálica. As formas representadas são variadas e parecem documentar, no terreno, uma realidade por diversas vezes apontada na bibliografia de referência. De facto, surgem neste contexto os dois serviços de Haltern mais comuns, um deles formado pelo prato de bordo pendente Consp. 12 e as taças Consp. 13 e 14, e o outro, de bordo rectilíneo, composto pelos pratos Consp. 18 e 19 e a taça Consp. 22. Além destas formas está ainda presente a taça Consp. 27 e o copo Consp. 50. Se algumas destas formas são claramente augustanas, no seu conjunto, a cronologia aponta para o período tiberiano ou inícios do reinado de Cláudio. Este dado é consentâneo com a existência, nesta camada, de *terra sigillata* sudgálica, concretamente das formas Drag. 17 b, normalmente datada de 30-50, e Drag. 24/25 de 20-60. Os dois fragmentos de *sigillata* africana devem ter origem numa das inúmeras fossas que cortavam esta realidade estratigráfica. A UE [201] é um estrato de aterro/nivelamento, também do final da ocupação da fase 2. Nas formas de *terra sigillata* itálica presentes destacam-se três pratos de bordo pendente, Consp. 12 e outros dois de perfil rectilíneo, Consp. 18, além de um prato Consp. 4.4 e outro 6.2. Não se regista a presença de formas identificáveis em *terra sigillata* sudgálica.

Outra sequência estratigráfica bastante elucidativa é a correspondente à área 5, exterior aos compartimentos 1, 3 e 4. Aqui, a UE [246] corresponde a um piso de argila onde estão incorporados 18 fragmentos de *terra sigillata*. Mais de metade são de *sigillata* de tipo itálico, estando representadas as formas Consp. 10 e 18, além de um fundo de uma peça com a marca PRIMVS, *in planta pedis*. Sobre este piso registou-se um nível de aterro [241] onde se documenta maioritariamente *sigillata* com origem na península itálica, com quatro formas identificadas: tipo Consp. 6 com decoração aplicada representando um golfinho incompleto; taça Consp. 22 também com decoração de uma dupla espiral aplicada; Consp. 4.5 e Consp. 15. A marca do oleiro ENNIVS, surge igualmente neste contexto, que, no seu conjunto, parece datar do período tiberiano ou ligeiramente posterior. Esta sequência da fase 2 completa-se com a UE [181], um novo estrato de aterro/ nivelamento, com *sigillata* maioritariamente de tipo itálico, onde se registam duas peças, um prato Consp. 4.5 e outro Consp. 18 além de duas formas mais tardias, provenientes do Sul da Gália, dos tipos

mais comuns: Drag. 27 e 15/17. É neste contexto que surge a marca itálica anepígrafa que parece representar a letra X (24185).

Na área 6, a UE [236] corresponde a um pavimento de argamassa e caliças, pertencente aos momentos iniciais da ocupação da Fase 2, e incorpora *terra sigillata* itálica, nomeadamente uma taça de bordo pendente Consp. 14 e um outro fragmento de *sigillata* de fabrico antigo. Sobre este pavimento, um outro que constitui a UE [213] onde se registam apenas oito fragmentos de *terra sigillata*, estando quase em equilíbrio o fabrico sudgálico e o itálico.

Das áreas 7 e 8, no sector 1C, o piso de argila correspondente ao momento final da ocupação da fase 2 está testemunhado pela UE [239], que cobre o muro [321] e os pisos a ele associados, as UE [323] e [251]. Neste último foi aberta uma fossa, cujo enchimento constitui a UE [289], tendo sido posteriormente selada pela já referida [239]. A *terra sigillata* proveniente da UE [239] é escassa, constituída unicamente por dois fragmentos de *terra sigillata* itálica de forma indeterminada. A fossa UE [289] estava preenchida quase unicamente com *sigillata* itálica. Entre os fragmentos que permitiram identificação formal estão as formas mais características, como o prato de bordo pendente Consp. 12 e o de bordo rectilíneo Consp. 22, além de um cálice Consp. R.2. É importante assinalar que é deste estrato a forma fechada indeterminada (23791), que foi produzida no fabrico mais antigo da *sigillata* de tipo itálico (fabrico 2) e para a qual não encontramos paralelo algum.

A distribuição da *sigillata* nas UEs mais significativas referentes à ocupação da fase 2, é a seguinte (nº de fragmentos):

Comp./Área	UE	Indet.	TSOA	TSI	TSS	TSH	TSCLA	TSCLC	TSCLD	Total
1	[135] = [269]	–	–	1	–	–	–	–	–	1
	[126]	2	–	2	–	1	–	–	–	5
	[190]	1	–	–	–	–	–	–	–	1
	[134]	1	–	2	2	–	–	–	–	5
	[204]	–	–	1	–	–	–	–	–	1
2	[131] = [143]	2	–	5	1	–	–	–	–	8
	[216]	–	–	1	–	–	1	–	–	2
3	[200]	24	2	54	10	4	–	1	1	96
	[202]	–	–	2	–	–	–	–	–	2
4	[201]	38	–	37	8	2	1	1	2	89
	[238]	93	–	95	25	5	–	–	2	220
	[263]	3	–	15	4	1	–	–	–	23
5	[181]	12	–	23	5	1	–	–	–	41
	[241]	2	–	12	–	3	–	–	–	17
	[246]	2	–	10	3	3	–	–	–	18
6	[145]	–	–	5	–	–	–	–	1	6
	[213]	2	–	3	2	–	–	–	1	8
	[236]	4	–	2	–	–	–	–	–	6
7	[226]	1	–	4	–	–	–	–	–	5
	[239]	–	–	2	–	–	–	–	–	2
	[289]	1	–	15	1	–	–	–	–	17

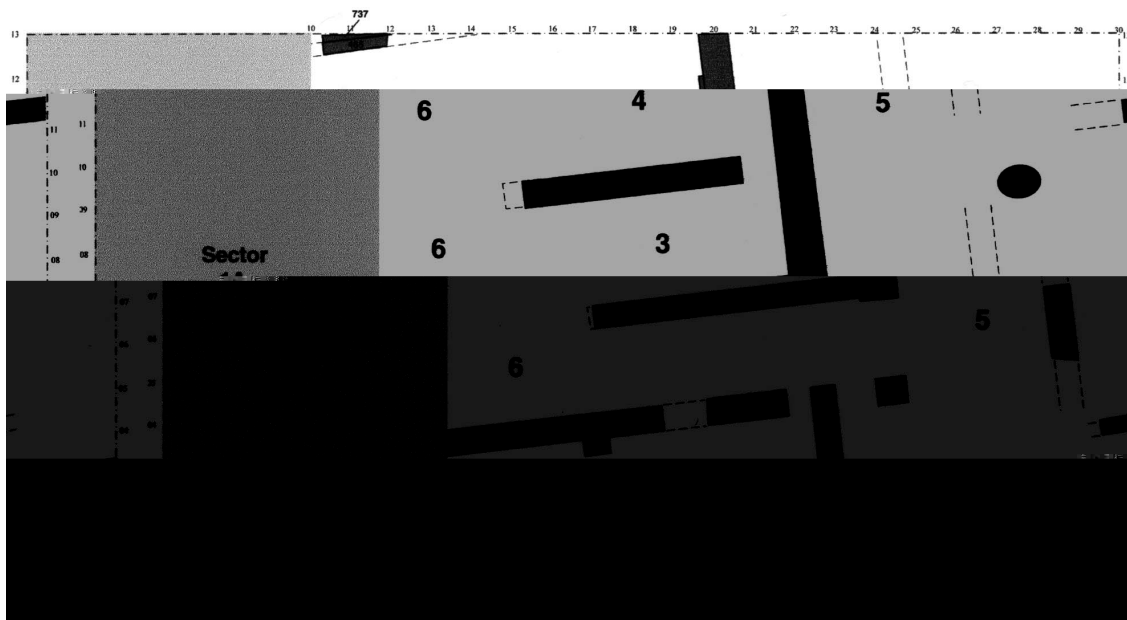


FIG. 38 – Planta preliminar da Fase 2. Síntese das estruturas com a numeração das áreas mencionadas no texto.

Para a **fase 3**, propõe-se uma cronologia de final do século I/inícios do século II a meados desse mesmo século, com base nas relações estratigráficas e nos dados da *terra sigillata*. Novamente se deve referir a extrema dificuldade que a escavação destes níveis ofereceu, sobretudo, e mais uma vez, devido à descontinuidade das áreas escavadas, dado existirem inúmeras fossas ou silos medievais.

Infelizmente, a sequência estratigráfica documentada no compartimento 2 para esta fase não era clara. Aqui, nas UEs [121] e [127], para além das dificuldades de leitura que surgiram no registo, surgem *sigillatas* tardias africanas (*sigillata* clara A e C), ausentes em todas as outras realidades desta fase, relativamente posteriores aos limites cronológicos estabelecidos.

No interior do compartimento 1, a UE [132] é um estrato de aterro/nivelamento que corresponde ao início da fase 3. Os sete fragmentos de *terra sigillata* aí recuperados constituem um conjunto muito heterogéneo, com *terra sigillata* itálica, entre a qual se encontra uma marca do oleiro HERTORIVS (23895). Fazem ainda parte deste contexto uma peça em *sigillata* sudgálica da forma Drag. 15/17 e outra de *sigillata* hispânica da forma Drag. 24/25 com origem possível em Andujar. A UE [122] corresponde a um estrato de derrube onde apenas se detectou um fragmento de *terra sigillata* itálica decorada. Sobre estas realidades o estrato de enchimento/ nivelamento que constitui a UE [119] apresenta ainda uma percentagem elevada de *terra sigillata* com origem na península itálica. O mesmo sucedendo com o estrato que constitui a UE [125], onde novamente é diversificada a *terra sigillata* existente.

A sequência estratigráfica da **Fase 3** é particularmente clara na área 5, onde se regista a construção de raiz de paredes. A UE [232] corresponde a um nível de aterro associado à parede e apresenta ainda uma maioria de *terra sigillata* itálica, assinalando-se a presença das formas Consp. 14, 22, 4 e 36. Entre a *sigillata* sudgálica encontra-se apenas uma forma identificável de uma Drag. 27. Os restantes níveis (de aterro cujo topo é utilizado como solo de utilização ou pavimento), formam a sequência desta área que corresponde às UEs [229], [176], [154] e [228].

A UE mais significativa desta sequência corresponde a um pavimento em *opus signinum* [160] que se encontrava parcialmente em desagregação e de onde se recolheu abun-

dante *terra sigillata*. A *sigillata* com origem no sul da Gália torna-se claramente dominante neste contexto, onde surgem, além de algumas formas identificáveis, marcas de oleiro e fragmentos decorados. Entre as formas mais abundantes encontram-se a Drag. 27, 15/17 e 24/25, com treze, seis e cinco fragmentos, respectivamente, além da Drag. 18/31, Ritt. 1 e 9 com apenas dois, um e três fragmentos. As marcas de SECVNDVS e CAPITO também têm origem em La Graufesenque e estão datadas do período compreendido entre o reinado de Cláudio e de Nero. A *terra sigillata* itálica é minoritária, estando presentes as formas tarδο-augustanas e tiberianas como a taça Consp. 14 e o copo Consp. 50, mas também outras mais tardias como o prato Consp. 20 e 6, com cronologias atribuídas de 30 a meados do século I d.C. Da muito escassa presença de *terra sigillata* hispânica nesta área, apenas existe uma forma Drag. 29 sem que se tenha conservado a área decorada. É importante referir ainda, que neste contexto as peças estavam muito fragmentadas o que está bem patente nos setenta e um fragmentos considerados indeterminados dada a sua dimensão ser mínima.

Penso que posso propor uma cronologia entre 50 e 80 para a *sigillata* que constitui este pavimento de *opus signinum* [160], já que parte significativa das formas decoradas ocorre entre 20 e 70, existindo algumas formas posteriores que poderiam prolongar esta cronologia para a primeira metade do século II. Como se sabe, dado que no século II a presença das produções hispânicas na Alcaçova de Santarém era já dominante, julgo que é a cronologia de 50-80 que deve prevalecer. Para reforçar este dado verifica-se também que a *sigillata* hispânica é ainda muito escassa, neste contexto. Ora como as cerâmicas se encontram reaproveitadas como material de construção, a construção deste pavimento tem que ser posterior à data proposta.

Correspondendo ao momento final da fase 3, nesta área, encontra-se a UE [172] que contém cento e vinte e quatro fragmentos de *terra sigillata*. Constata-se, novamente um domínio, em termos proporcionais, da *sigillata* com origem no Sul da Gália com algumas formas identificadas das mais comuns, como a Drag. 27, 15/17, 18/31, 24/25 e 17 b. A marca de PAVLLVS também tem origem nesta camada cujo topo foi utilizado igualmente como solo de utilização. Entre a *terra sigillata* itálica desta UE, apesar de ser proporcionalmente inferior, existem algumas formas identificadas como o prato de bordo pendente, Consp. 12, que constitui o exemplar mais antigo da série (de 15-9 a.C.), além das formas augusto-tiberianas Consp. 23, 27, 31 e 50.

A fase 3 termina, nesta área, com a UE [157], que cobre parcialmente a UE [172] onde domina a *sigillata* sudgálica. O fragmento de *sigillata* clara D que aqui se recolheu é proveniente da fossa que destruiu também parcialmente a UE [172].

Na área 6, a fase 3 apresenta as UEs [122] e [115] contemporâneas mas sem relação directa entre si, apresentam escassa *sigillata*. Sendo apenas digno de menção, o facto de continuar a ser a *sigillata* com origem no Sul da Gália a mais abundante. Sobre uma estrutura que se interpretou como sendo uma lareira [138] registaram-se outras UEs que correspondem a níveis de derrube ou aterro cuja superfície foi utilizada como solo de *habitat*, UEs [124] e [185]. Destas UEs, apenas a [185] apresenta escassa *sigillata*, mas bastante heterogénea.

Na área 7 regista-se alguma *terra sigillata* na UE [223], que cobre o nível de aterro [224], e que corresponde a um pavimento de argamassa. Os seis fragmentos existentes distribuem-se sobretudo pela *sigillata* com origem itálica e hispânica, sendo possível reconhecer nesta última uma forma Drag. 18.

A distribuição da *sigillata* nas UEs mais significativas referentes à ocupação da fase 3, é a seguinte (n.º de fragmentos):

Comp./Área	UE	Indet.	TSI	TSS	TSH	TSCLA	TSCLC	TSCLD	Total
2	[121]	–	1	–	–	–	–	–	1
	[127]	–	3	–	–	1	1	–	5
	[120]	–	4	–	–	–	–	–	4
1	[132]	1	3	1	1	–	–	1	7
	[122]	–	1	–	–	–	–	–	1
	[119]	6	6	3	–	–	–	–	15
	[125]	2	8	2	2	3	–	–	17
5	[232]	3	14	6	3	–	–	–	26
	[229]	–	1	–	1	–	–	–	2
	[176]	3	1	5	–	1	–	1	11
	[228]	5	5	1	–	–	–	–	11
	[160]	71	33	96	4	–	–	–	208
	[172]	52	23	46	2	–	–	–	124
6	[157]	3	–	3	–	–	–	1*	7
	[122]	–	1	–	–	–	–	–	1
6	[115]	3	1	3	1	–	–	–	8
	[185]	4	3	–	1	1	–	–	9
	[223]	1	2	–	3	–	–	–	6

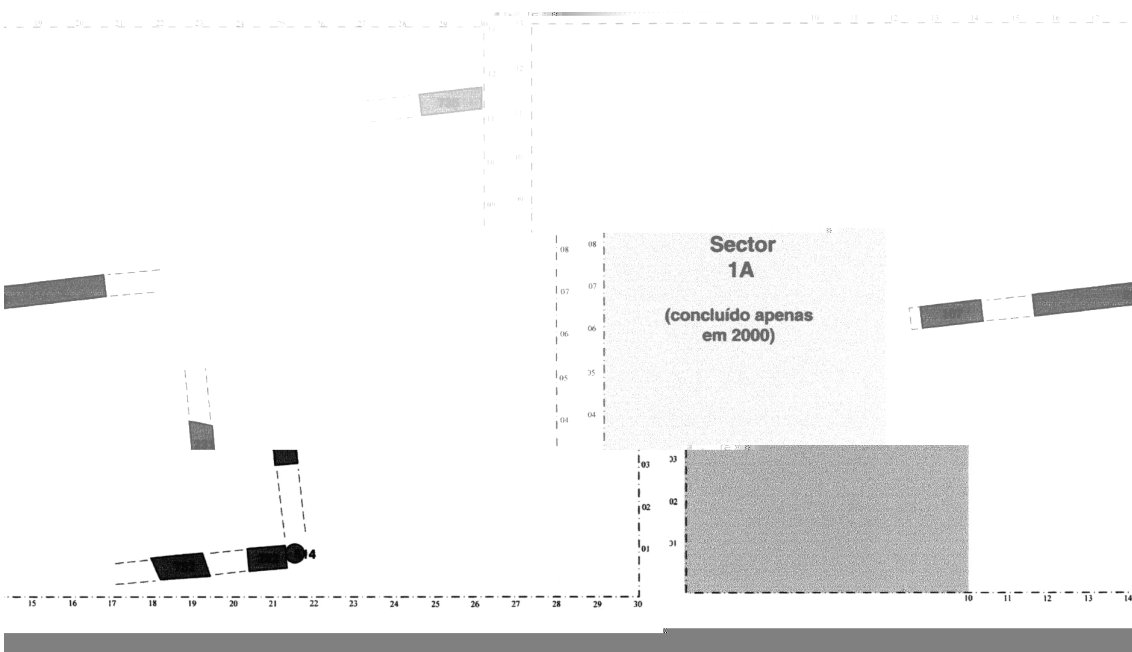


FIG. 39 – Planta preliminar da Fase 3. Síntese das estruturas identificadas.

Como já se referiu anteriormente a **fase 4** corresponde a um período que se julga poder situar desde a segunda metade do século II até ao século IV/ V. É no momento inicial deste período que se edificam as paredes romanas tardias, construídas sobretudo com restos de cerâmica de construção (fragmentos de *lateres* e *tegula*). Por se encontrar já muito próximo dos níveis de superfície actuais, esta fase foi a mais afectada pelas fossas/silos medievais e pelas construções modernas existentes neste local.

Na área do compartimento 2 são apenas os estratos finais desta fase, constituídos por derubres associados à destruição das estruturas romanas tardias que ofereceram *terra sigillata*.



Refiro-me às UEs [71] e [87], onde além dos fabricos de *terra sigillata* já assinalados para contextos anteriores, se começa a registar uma proporção significativa de *sigillata* clara africana. Concretamente na UE [71], em catorze fragmentos, cinco pertencem à *sigillata* clara A e um ao fabrico C. Na UE [87], à *sigillata* clara D associa-se um fragmento de *sigillata* hispânica da forma Drag. 37 tardia, variante B.

Também na área do compartimento 1 se regista a existência da parede romana tardia, UE [109], assinalando-se apenas o momento do seu abandono e destruição. Do momento de abandono da utilização, identificou-se uma fossa, UE [81], portanto correspondente à fase final da ocupação romana nesta área. Dos oito fragmentos de *sigillata* aqui registados, cinco pertencem à *sigillata* clara D um deles da forma Hayes 58, datada habitualmente de 290/300-375.

Novamente na Fase 4, e tal como sucede nas fases anteriores, é a área designada por 5 que apresenta mais dados estratigráficos e também do ponto de vista da cronologia. Efectivamente, pertence a esta fase um pavimento de *opus signinum* [159], associado a uma parede de tijolo [152] e a uma coluna reaproveitada [513]. É abundante a terra sigillata que foi incluída neste pavimento. Entre os 170 fragmentos, a maior proporção tem origem no Sul da Gália. Entre as formas reconhecidas na *sigillata* sudgálica desta UE verifica-se um domínio de fragmentos de Drag. 27, encontrando-se igualmente os tipos mais comuns deste fabrico: Drag. 24/25, Drag. 15/17, Drag. 18/31. Ao contrário do que sucede com o pavimento de *opus signinum* que já foi mencionado [160], a proporção de *sigillata* hispânica na UE [159] é significativa, enquanto que a *sigillata* de proveniência itálica escasseia. Dominam também as taças Drag. 27, estando igualmente presentes as formas Drag. 24/25, 35 e 51. A existência de uma quantidade apreciável deste fabrico indica um momento posterior ao final do século I, talvez mesmo durante a primeira metade do século II. De assinalar ainda que dois dos únicos quatro grafitos recolhidos na Alçáçova são provenientes desta UE.

Importa também analisar os estratos relacionados com o abandono desta estrutura. Encontra-se nesta situação a UE [151] que corresponde aos níveis de derrube da parede, que apresenta apenas quatro fragmentos de *sigillata*, dos quais apenas um pertence à *sigillata* clara A.

A distribuição da *sigillata* nas UEs mais significativas referentes à ocupação da fase 4, é a seguinte (nº de fragmentos):

Comp./Área	UE	Indet.	TSI	TSS	TSH	TSCLA	TSCLC	TSCLD	TSHT	Total
2	[71]	–	7	1	–	5	1	–	–	14
	[87]	–	2	–	–	–	–	3	1	6
1	[110]	7	3	5	4	3	1	12	–	36
	[81]	–	–	1	1	–	–	5	1	9
5	[159]	65	6	52	35	–	–	1	–	170
	[151]	3	–	–	–	1	–	–	–	4
	[140]	2	2	6	2	1	2	2	–	18
6	[97]	–	–	–	–	1	–	–	–	1

A fase 5 data do século IV -V e apenas é testemunhada por duas paredes de pedra no sector B, e que aproveita, como base, a parede de tijolo romana tardia. Nada mais de obteve desta fase, que correspondia aos derradeiros momentos de ocupação antiga nesta área.

Alguns dados merecem destaque, relativamente ao que se acaba de analisar. Não é exagero aconselhar cautela na leitura da cronologia do faseamento, pois, como já se referiu diversas vezes, ela foi construída com base na *terra sigillata* e necessita ser ponderada com as restantes cerâmicas, o que poderá permitir ainda algumas precisões.

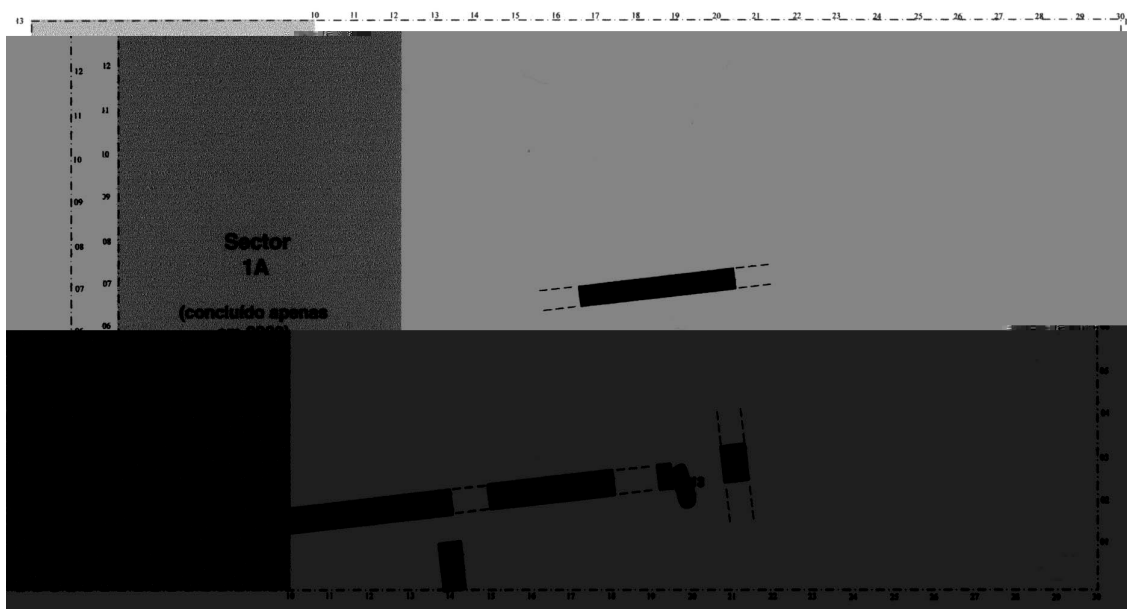


FIG. 40 – Planta preliminar da Fase 4. Síntese das estruturas detectadas.

Relativamente à fase 2, verifica-se que no seu conjunto estes níveis arqueológicos pertencem a um período entre 30/15 a.C. até 50/80 d.C., o que se pode constatar pela percentagem maioritária de *sigillata* itálica, e já alguma *sigillata* sudgálica, embora em quantidades mínimas. É difícil interpretar a presença, em alguns estratos desta fase, de escassos fragmentos unicamente pertencentes ao fabrico itálico. Refiro-me às UEs [290], [277], [251], entre outras, que se podem datar do período augustano, que corresponde exactamente ao momento inicial das remodelações operadas na fase 2. A *sigillata* itálica permanece maioritária nas restantes UEs desta fase, destacando-se a presença, em associação dos dois principais serviços de Haltern. Por um lado, o serviço constituído pelo prato de bordo pendente Consp. 12 e a respectiva taça Consp. 14, e por outro, o serviço de parede e bordo rectilíneo, formado pelos pratos Consp. 18 e 20 e a taça Consp. 22. É interessante verificar igualmente, que nestes contextos, onde a *sigillata* itálica surge em clara maioria, a *sigillata* com origem no sul da Gália faz já a sua aparição, com formas também das mais antigas deste fabrico, como por exemplo a forma Drag. 17 b, normalmente datada de 30-50, e Drag. 24/25 de 20-60. Estes dados são, de facto, testemunhos dos momentos em que a *sigillata* de tipo itálico domina ainda as importações, numa altura em que a *sigillata* sudgálica já começa a penetrar no mercado de *Scallabis*.

Na Fase 3 destacam-se os contextos em que começa a ser maioritária a *sigillata* sudgálica embora ainda se registre uma percentagem significativa de *sigillata* itálica e os fabricos hispânicos sejam escassos.

O início da Fase 4 é marcada, por exemplo, pelo pavimento de *opus signinum* onde se regista maioritariamente *sigillata* sudgálica, só que a presença dos fabricos hispânicos já é significativa, tendo desta vez a *sigillata* itálica uma presença muito tímida. Já os momentos finais, correspondentes ao abandono das estruturas que faziam parte desta fase, ficam marcados pela presença de cerâmicas tardias africanas, designadamente *sigillata* clara A, C e D. Não se deve estranhar, neste contexto, a presença maioritária, nas camadas superficiais que constituem os estratos modernos e contemporâneos, de uma percentagem significativa de *sigillata* clara. Efectivamente, na UE [1], em 31 fragmentos de *sigillata*, a maior percentagem

é de tipo itálico, o fabrico sudgálico é vestigial e a *sigillata* clara constitui um terço da *sigillata* desta camada. Entre as formas de *sigillata* clara D, temos alguns testemunhos do *terminus* das importações deste fabrico para Santarém. Se a maioria das peças cuja forma foi possível identificar deixaram de ser fabricadas em meados do século V, como é o caso dos tipos Hayes 61 B e 67, a forma Hayes 91 apresenta uma cronologia para os momentos finais da sua produção já em pleno século VI.